

MARCAS DA ORALIDADE NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS DISCENTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA CIDADE DE CAJAZEIRAS - PB

Maria de Fátima Pereira da Silva⁽¹⁾; José Deomar de Souza Barros⁽²⁾

⁽¹⁾ Licenciada em Letras, docente da Secretaria Municipal de Educação de Cajazeiras – PB. E-

mail: maryfatimapereira@gmail.com

⁽²⁾ Professor Adjunto da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail:

deomarbarros@gmail.com

Resumo: As diferenciações formais entre a linguagem falada e a escrita são diferenciadas pelas condições de produção e uso da linguagem. A linguagem oral está relacionada diretamente ao contexto sociocultural no qual o discente está inserido, já a linguagem escrita que geralmente é trabalhada na sala da aula, muitas vezes é tratada de forma descontextualizada pelos docentes. A linguagem escrita possui características próprias e não pode ser considerada como representação da fala, pois a fala consegue reproduzir diversos fenômenos como a entonação da voz gesticulação, entre outros. Neste aspecto, a presente pesquisa teve por objetivo avaliar a influência da oralidade nas produções textuais de discentes do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa foi realizada no período de 10 a 18 de outubro de 2016 e contou com a participação de 15 estudantes, da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Costa e Silva, localizada na cidade de Cajazeiras - PB. A investigação foi realizada por meio de um estudo de caso no qual os discentes foram estimulados a produzirem livremente um texto sobre a temática violência contra a mulher. Os resultados obtidos indicam a ocorrência das marcas da oralidade na escrita dos discentes. Nos textos analisados as marcas de oralidade mais recorrentes são de palavras bem próximas, os marcadores conversacionais e, a escrita bem próxima da transcrição fonética. Fica evidente que os educandos ainda não conseguiram diferenciar a linguagem falada da escrita, incumbindo ao professor a desenvolver atividades que trabalhem essa diferença.

Palavras-chave: Linguagem. Produções textuais. Transcrição fonética.

INTRODUÇÃO

Na Língua Portuguesa, existe normas que regulam o padrão da língua escrita, essas regras são organizadas em três grandes grupos: fonética, morfologia, semântica, sintaxe e estilística. Na educação básica os alunos deveriam adquirir competências e habilidades para utilizar estas normas nas produções textuais. Sabendo assim, diferenciar a forma coloquial da forma culta da língua portuguesa (BORTOLUZZI; CRISTOFOLINI, 2013).

Neste aspecto, a aquisição da linguagem significa mais do que saber falar e escrever, é uma ação no qual o sujeito torna-se ativo nas relações sociais, assim, a linguagem deve possibilitar a comunicação sobre o que o sujeito almeja e quer conhecer no mundo (ZORZI, 2003)

Assim, a língua falada (oralidade) é um conjunto de situações maior que a escrita, tendo em vista que a aquisição dessa linguagem é uma característica intrínseca do ser humano. Já a aquisição da linguagem escrita é uma herança cultural, neste aspecto, por ser uma herança cultural, geralmente, a aquisição desta modalidade de linguagem dar-se-á nas escolas (ZORZI, 2003).

A comunicação humana dar-se-á essencialmente por meio da escrita e da oralidade, são duas modalidades de linguagem que apresentam características próprias. No entanto, desde as séries iniciais os discentes apresentam dificuldades ao produzirem textos, trazendo para suas produções textuais marcas de sua oralidade. No contexto escolar, faz-se necessário o uso das normas cultas da língua portuguesa nas produções textuais. Logo, ao fazer o uso da linguagem oral na escrita, os discentes demonstram que não estão conseguindo diferenciar a norma culta da linguagem da oralidade usada em seu cotidiano (SILVA, 2012).

Os erros ortográficos em decorrentes da oralidade não podem ser entendidos pelos professores como uma deficiência da escrita, mas sim como uma demonstração da incompreensão dos alunos da relação existente entre fala e escrita e entre fonema e grafema. O domínio da ortografia é lento e requer muito contato com a modalidade escrita da língua (BORTONIRICARDO, 2006).

Assim, a presente pesquisa teve por objetivo avaliar a influência da oralidade nas produções textuais de discentes do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos.

METODOLOGIA

Caracterização da área de estudo

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Costa e Silva, localizada na cidade de Cajazeiras - PB, no período de 10 a 18 de outubro de 2016.

Classificação da pesquisa

Conforme Silva e Menezes (2005), do ponto de vista da sua natureza, a pesquisada é aplicada, objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas



específicos. Envolve verdades e interesses locais. Quando vista da forma de abordagem do problema a pesquisa tem caráter qualitativo, a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Quanto aos objetivos a pesquisa é descritiva, já que têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, onde na utilização de técnicas padronizadas para a coleta de dados, pode ser utilizado o questionário ou levantamento. Em relação aos procedimentos técnicos trata-se de um estudo de caso, ou seja, quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento.

Sujeitos da pesquisa

Foram entrevistados discentes da Educação de Jovens e Adultos da escola supramencionada.

População, amostra e amostragem

A referida pesquisa contou com a participação de 15 (quinze) estudantes, todos os discentes do oitavo ano da Educação de Jovens e Adultos da escola supramencionada.

Instrumentos de coleta de dados

Para coleta de dados os estudantes foram estimulados a produzirem livremente um texto sobre a temática violência contra a mulher.

Análise dos dados

Para analisar os resultados foi utilizada a abordagem qualitativa por meio da categorização das respostas e a análise qualitativa dos textos produzidos pelos discentes.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar as marcas da oralidade nos textos de alunos da 8 série do ensino fundamental EJA percebe-se que alguns dos textos tem uma sequência estrutural como: introdução, desenvolvimento e conclusão. Constatou-se também que na maioria dos textos examinados possui coerência, contudo, mesmo tendo um conhecimento sobre o assunto a ser desenvolvido os alunos ainda tem dificuldade em utilizar as normas gramaticais, prevalecendo sempre a influência da língua falada na escrita. Verificou-se que muitos textos apresentaram erros de acentuação, ortografia e concordância. Como a proposta deste artigo é estudar as marcas de oralidade nos textos, esses elementos não interferem na análise. Abordaremos algumas marcas de oralidade presentes nos textos.

Repetição de palavras nas frases

A repetição da palavra “tei”, “qui”, “contra”, conforme trechos a seguir:

“Sou totalmente contra a violência contra a violência contra a mulher a mulher tei qui ser respeitada o homem não deve bater na mulhe maus tratar a mulher merece respeito toda mulher tei todo direito de denunciar o homem contra a violência tei muita mulher qui e maltratada tei medo de denunciar” (Texto 11).

A repetição da palavra “acho”, “isso”, conforme colocações de um discente:

“Bom o que eu acho sobre esse tipo de violência, acho isso uma covardia do homem mas também maioria das vezes não são homens em si que fazem isso de propósito. Em alguns casos as mulheres provocam e se fazem de vítima, para ganhar algo da justiça” (Texto 3).

A repetição da palavra “nóis” “respeitada”

“Nóis merecemos ser amada e respeitada e respeitada por toda nação principalmente pelo os homem. Fico chocada com está violência desenfada como passa na tv e nóis jamais” (Texto 15).

Compreende-se nessas marcas de oralidade, a precisão que o estudante tem de utilizar essas palavras com o objetivo de mudança/seguimento/acréscimo de ideias ou acontecimentos nos textos. Aliás, na norma culta da língua (escrita), teríamos marcadores linguísticos (conjunções ou advérbios e etc, por exemplo), que poderiam substituir essas marcas de oralidade. Compreende-se, de acordo com Marcuschi (2003) essas palavras é marcador conversacional.

Com isso, os marcadores utilizados na conversação indicam as intenções e os papéis comunicativos de cada indivíduo e Conforme Rodrigues (1998, p. 69) “tem-se papéis diferentes de acordo com o que forem enunciados pelo falante ou pelo ouvinte”

Constata-se nessas marcas de oralidade abaixo relacionadas, que o adicionamento da vogal não é notado quanto à fonética.

Acréscimo de vogais

Observa-se o acréscimo da vogal “feiz” (fez) (texto 1); “reigida”(rígida) (texto 3); “I” em “nóis” (nós) (texto 5); “muilhers”(mulheres) (texto4). Cagliari (1993, p.138-9) afirma que “O erro mais comum dos alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala, ou seja, utilizar duas vogais em vez de uma, por usar na sua conversação um ditongo”.

Na análise dos textos percebe-se a troca de uma letra por outra, isso ocorre geralmente devido às marcas de oralidade na escrita. Dentre os textos analisados podem-se apontar os seguintes equívocos:

Troca de consoantes ou troca de consoantes por vogais

Na troca de consoantes acontece de n por m “comtra” (contra), “homen”(homem), de l por u “mautrar”(maltratar), de m por i “tei”(tem) (Texto 06); de ch por x “maxistas” (machistas), u por l “almentando” (aumentando) (Texto 14); c por s “meresemo” (merecemos) (Texto 09); “dixi” (disse) (texto 01).

No que tange a esses casos Bagno (1999, p.126), salienta que “[...] É importante notar que os “erros” de ortografia são constantes: troca de J por G, de S por Z, de CH por X e assim por diante – justamente por serem casos em que é necessário fazer uma análise da relação fala-escrita que excede os limites teóricos da suposta correspondência som-letra”.

Percebe-se que há pessoas que quando discorrem não flexionam a consoante “r”, dessa forma acabam por não utiliza- lá. E analisando os textos vimos vários casos em relação a consoante. Houve ocorrências semelhantes, com as vogais.

Ausência/omissão das vogais e supressão de consoantes

Ausência ou omissão da vogal “i” “ache”(achei) (Texto 05); No caso do “r” que ha supressão da consoante final “r” nas palavras “mulhe”(mulher), “baicha” (baichar), “maltrata”(maltratar), “home”(homem) (Texto 15); “muda”(mudar) (Texto 08); “passa”(passar), “amo” (amor) (texto 09); isso acontece porque alguns alunos nas suas pronúncias não reconhecem o som do “r” como sendo o som de uma letra. Por exemplo, existem alunos que escrevem “corta” em vez de “cortar”.

Omissão das consoantes

Na omissão de consoantes “denuciar”(denunciar) (Texto 08); ‘es’ ‘tive’(estive) (texto 10); ‘es’ ‘tava’(estava) (Texto 11);

Verifica-se claramente a utilização do coloquialismo na escrita, ou seja, a marca da oralidade na escrita, escrevendo da mesma forma que fala.

Troca de vogais

Na troca de vogais acontece “obisesivos”(obsessivos) (Texto 05); troca de vogais “istados” (estados) (Texto 07); “gravi” (grave) (Texto 09); “ispancas” (espancam) (Texto 11).

Constata-se aqui também a utilização do coloquialismo, da mesma forma que a anterior. Cagliari afirma que a criança “[...] escreve um u em vez de o, pois fala [u] e não [o] [...]” (1993, p.139).

Supressão da consoante S de plural

A supressão da consoante em “as mulher tei qui ser respeitada”, “temo qui denuciar qualquer agreção” (Texto 01); “Ainda existe muitos homem maxista, As mulher esta ficando cada dia com mais medo”(Texto 04); “vamo mudar isso”(Texto 14); “E em outros casos as mulher é ameaçada pelo o parceiro” (Texto 11).

O aluno algumas vezes acaba não utilizando o “s” em consequência da fala. O caso de concordância é um fator que muitas das vezes não é utilizado pelo o individuo, mesmo já tendo concluído os estudos, pois na fala não tem como perceber se esta concordando ou não, sendo assim acabam escrevendo do mesmo modo como falam sem perceber essa diferença.

Nas ocorrências abaixo, o individuo é levado a escrever da mesma forma como interpreta sua experiência de língua.

Troca de consoantes por outras consoantes

Na troca da consoante ‘n’ por ‘m’ em ‘comtra’ (contra) (Texto 02);

Na troca de ‘c’ por ‘s’ ‘mereseemo’(merecemos) (Texto 05);

Na troca de ‘ch’ por ‘x’ ‘xocada’(chocada) (Texto 07);

Na troca de ‘ç’ por ‘s’ ‘agresão’(agregção) (Texto 08);

Na troca de ‘ch’ por ‘x’ ‘maxista’ (machista) (Texto 10);

Na troca de ‘z’ por ‘s’ ‘veses’(vezes) (Texto 12);

Na troca de ‘ss’ por ‘ç’ ‘poriço’(porisso) (Texto 13).

Essas trocas de letras ocorrem devido uma relação não estável, na qual uma mesma letra pode representar vários sons (a letra c, por exemplo pode ter o som de /k/ e /s/) e por último, temos o caso de s que pode ser representado por várias letras (s, ss, ç, c, x, z, sc, sç e xc). Como podemos conjecturar, uma serie de erros são causados em função desta relação não estável entre letras e sons, como podemos ver neste exemplo onde ouve a troca das letras ss por ç resultando em “poriço” ou “porisso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou analisar a influência da oralidade nas produções textuais de discentes do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos, os resultados obtidos indicam a ocorrência das marcas da oralidade na escrita dos discentes. Podemos dizer que nos textos analisados as marcas de oralidade mais recorrentes são de palavras bem próximas, os marcadores conversacionais e, a escrita bem próxima da transcrição fonética. Fica evidente que os educandos ainda não conseguiram diferenciar a linguagem falada da escrita, incumbindo ao professor a desenvolver atividades que trabalhem essa diferença.

Os textos analisados, apesar de apresentarem marcas da oralidade, apresentam estrutura razoável de textos escritos, ou seja, apesar de fazer uso da oralidade os discentes tinham convicção de que estava produzindo uma produção escrita, o que fica explicito tendo em vista a presença das características típicas da linguagem escrita. Além disso, por possuírem uma vasta experiência de vida, os educando da EJA possui uma forma própria de escrever, apresentando situações vivenciadas e/ou realidades do seu cotidiano.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. **Preconceitos linguísticos**: o que é, como se faz. São Paulo: Editora Loyola, 1999.

BORTOLUZZI, B. M.; CRISTOFOLINI, C. Oralidade e a aquisição da linguagem escrita dos alunos em uma escola pública. **Uox**, n. 01, 2013.

BORTONI-RICARDO, S. M. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Orgs). **Sociolinguística e ensino**: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & linguística**. 6. Ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita**: questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

RODRIGUES, I. M. G. **Sinais Conversacionais de alternância de vez**. Porto: Granito Editores e Livreiros, 1998.

SILVA, E. L. de; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, J. N. L. da. Marcas da oralidade na escrita: um estudo reflexivo das produções textuais dos alunos da 5ª série da Escola Estadual Edil Mantovani. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 1, p. 462-436, abr. 2012.